

## **FARINHA DE CARNE E OSSOS BOVINA E SUÍNA COMO FONTE DE PROTEÍNA PARA SUÍNOS EM CRESCIMENTO E TERMINAÇÃO**

*Paulo C. Gomes<sup>1</sup>  
Aloízio S. Ferreira<sup>1</sup>  
Elias T. Fialho<sup>1</sup>  
José F. Protas<sup>2</sup>*

No Brasil, as rações para suínos tem como fonte de proteína, basicamente o farelo de soja. Desta forma, o estudo do uso de insumos proteicos alternativos em rações animais, torna-se importante, no sentido de evitar problemas de abastecimento em épocas de escassez do produto tradicional, bem como, para liberar parte do farelo de soja substituído, para exportação.

As farinhas de carne e ossos, depois do farelo de soja, são as fontes proteicas mais difundidas nas indústrias de rações para suínos. A disponibilidade total destas farinhas no mercado Brasileiro, no período de 1970 a 1979 foi de 117.028 toneladas. O percentual de proteína bruta destes subprodutos oscilam de 40 a 65%, sendo os mesmos ricos em cálcio e fósforo.

Com o objetivo de verificar os efeitos de adição de diferentes níveis das farinhas de carne e ossos bovina (FCOB) e suína (FCOS) em rações para suínos em crescimento e terminação, assim como, a viabilidade econômica destas substituições, utilizou-se, 40 machos castrados e 40 fêmeas, mestiços (Landrace × Large White), com peso médio inicial de 24 kg até um peso de abate de 95,8 kg.

Foram utilizados os seguintes tratamentos: A – ração com 0% de farinha de carne; B – ração com 3% de FCOB; C – ração com 3% de FCOS; D – ração com 6% de FCOB; e, E – ração com 6% de FCOS.

Os resultados de desempenho dos animais, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas, (Tabela 2). Isto significa dizer que, o uso de qualquer das rações testadas não deve apresentar resultados de desempenho diferentes em animais nas fases de crescimento e terminação. Portanto, a determinação da ração mais viável economicamente, dentre as testadas, está em função dos custos das mesmas. No Tabela 1, onde são apresentadas a composição e os custos das rações testadas, verifica-se que a ração D (6% de farinha de carne e ossos bovina) foi a de menor custo.

<sup>1</sup>Eng. Agr., M. Sc., EMBRAPA–CNPSA

<sup>2</sup>Econom., M. Sc., EMBRAPA–CNPSA

Tabela 1 – composição e custo das rações experimentais.

Fases Tratamentos	Crescimento					Terminação				
	A	B	C	D	E	A	B	C	D	E
Ingredientes	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Milho moído (8,1% PB)	75,5	77,0	76,0	78,3	78,0	83,5	84,5	84,0	86,0	85,3
Farelo de soja (46,3%PB)	21,5	18,0	19,0	15,0	15,3	13,5	10,5	11,0	7,3	8,0
FCO bovina (45,3%PB)	–	3,0	–	6,0	–	–	3,0	–	6,0	–
FCO suína (42,9% PB)	–	–	3,0	–	6,0	–	–	3,0	–	6,0
Fosf. Bicálcico	2,3	1,3	1,3	–	–	2,3	1,3	1,3	–	–
Mistura mineral	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
Mistura Vitamínica	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Custo de rações	13,23	12,92	13,00	12,56	12,59	12,55	12,28	12,32	11,92	11,97

Tabela 2 – Desempenho dos suínos nas fazes de crescimento e terminação.

Parâmetros	0	Farinha de carne e ossos			
		Bovina %		Suína %	
		3	6	3	6
Ganho médio diário (g)	705	634	643	654	681
Consumo médio diário (g)	2.433	2.411	2.401	2.377	2.356
Conversão alimentar	3,46	3,78	3,85	3,75	3,46